

Poemas de Vera Lúcia de Oliveira¹

*Vera Lúcia Oliveira Maccherani**

She is a poet, essayist and professor of Brazilian Literature at the University of Perugia. Graduated in Languages in Brazil and PhD in Italy. She writes in Portuguese and Italian and has poems published in various countries. His work addresses themes such as the processes of alterity, displacement, deterritorialization, marginalization of individuals. He received several awards, including: Sandro Penna Prize (Perugia, 1988), Poetry Prize of the Brazilian Academy of Letters (2005), Literature for All Prize (Brasília, 2006), Pasolini International Poetry Prize (Rome, 2006).



<https://orcid.org/0000-0002-1323-3140>

Recebido em 02 out. 2019. **Aprovado** em: 24 dez. 2019.

Como citar esta antologia:

MACCHERANI, Vera Lúcia de Oliveira. Antologia de poemas. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 8, n. 4, dez. 2019, p. Port. 217-231. ISSN 2317-2347.

nasci de uma aranha
que me físgou por dentro
com seu fio de visgo
que defende a greta
aberta na madeira

o brilho felpudo
enlaçou meu pulso

e aprendi ali
que toda beleza
tem custo

¹ do livro *Minha língua roça o mundo* – Editora Patuá, São Paulo, 2018



veralúcia.deoliveira.m@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i4.1671>

toda ausência
é um cão
que gane
sem despedaçar
o silêncio



disse hoje vou mais cedo
e foi-se bem antes do normal
varou a cidade pelo meio
em busca de algum punhal
que a matasse, ma sem dor
pensou, chutando seus passos
que nem isso é favor

paredes se fecham
a noite abraça os postes
em silêncio sombras saem
de fendas da mobília
sentam-se no ladrilho
e narram vidas
que não tiveram

pertenço às ruas frias
de vento e geada
em que algo de mim
se incorporou aos portões
e a esses cães famintos
que rosnam para os passantes
a esses tetos que pungem o céu
com suas antenas parabólicas
mandando mensagens a Deus

memória é medo
que se enteva
entre as teias
do corpo
memória é osso
sem carne
que cobrimos
da melhor forma
possível
para que não
sangre

entrou em casa
chutando a sombra
e se fechou no banheiro
encostou o rosto no frio
ferido do espelho
e foi comendo a noite
sem fazer ruído

esperar na porta
que o vento passe
e traga nele sua voz
já que os trilhos do trem
foram arrancados
as ruas não me levam
o ar parado se perde
como água que adoece
e o telefone mudo
espera que você
entre nele com
seu chinelo

mastigar dois dias o bocado
não faz com que desça rápido
pelo gargalo da boca
mas de certo
com a saliva o bolo
se torna lama
em que a língua
afunda
a fala
emana

poesia vem
de mansinho
como onda
que avança
(não de mar
que descansa)

e começa a boiar
por cima do olho
até naufragar
com o que tinha
dentro

Poemas inéditos de
Vera Lúcia de Oliveira

país de palha
onde me fiz
em beirada de cama
vendo o pai morrer

levou de mim
o que nem me deu
nessa dor comida
com garfadas de feijão
com arroz

país de estopa que a mãe alvejava
e no branco aberto muitos dos
pássaros me ensinaram a voar

país de grama e terra molhada
país de arame farpado
que nos enrolou a língua
país de facas apertadas
nessa garganta limpa

não soube morrer e o mar o engoliu mas uma vagina o expeliu de novo do fundo
e foi arremessado contra os barcos de borco cascos de navios remos puxados de noite
acorrentado aos esguichos aos peixes aos postes onde os barcos são atados aos portões
sem luz aos cães sem voz aos gatos com fome aos pássaros que morreram
na passagem
de um continente
ao outro

com a água não engole apenas o mediterrâneo mas as margens as montanhas areias colinas
campos de trigo e torrões de terra barrancos bordas de rios poços d'água fresca postes muros
paredes escadas mesas tábuas e tijolos com os quais quis construir a casa, aquela que agora o
sorve e na garganta entala

esses bichos que ninguém quis
esses homens que ninguém quer
essas mulheres que ninguém olha
esses velhos que ninguém tolera
formam uma procissão de pedintes
andam em grupos ou se dispersam
quando sentem que são demais
e não vão entrar
em nenhum lugar

A notícia

A Meirielle

da ponta da caneta
foi saindo o sangue
lento pingado
formando poça
no papel

gotejou na cadeira
escorreu em fio
de formigas loucas
por todas as pontas
das linhas
do jornal